

REFLEXÕES PROPOSTAS NAS DÉCADAS DE 1930/40 E SUA REPRESENTAÇÃO NA MÍDIA TELEVISIVA CONTEMPORÂNEA.

Elisabete Zimmer Ferreira¹

*“O diálogo se dá entre iguais e diferentes, nunca entre antagônicos.
(Moacir Gadoti)*

Na atualidade vivemos a dinâmica da informação, a era da tecnologia, a qual facilita a propagação de notícia. Este fato veio a possibilitar o diálogo, as discussões de idéias entre os homens, numa velocidade antes jamais imaginada, sem discriminar quaisquer grupos, excetuando apenas os grupos que não desejam esta permuta de conhecimentos por incompatibilidade de interesses. No entanto, devemos lembrar que até algum tempo a comunicação e a difusão do conhecimento não fluía com tanta rapidez, visto que os meios de comunicação eram arcaicos se comparados a tecnologia de mídia que temos hoje.

Para a expressão mídia, em foco neste texto, facilmente encontraremos uma significação no dicionário brasileiro, onde a palavra é descrita como: *1. Designação genérica dos meios, veículos e canais de comunicação como, por exemplo, jornal, revista, rádio, televisão, outdoor, etc. 2. Agência de propaganda responsável pela veiculação de anúncios na mídia* (FERREIRA, 2008: 553).

Diante desta significação objetiva da expressão mídia, é necessário que façamos uma breve análise de sua história, pois nosso objetivo é compreender como o pensamento intelectual é veiculado na mídia televisiva, visto que ela se constitui por pensadores que se colocam atrás do vídeo. Deste modo, a partir do estudo de obras adaptadas para a TV, dos intelectuais Benedito Rui Barbosa e Érico Veríssimo, especificamente a novela “Cabocla” e a minissérie “O tempo e o Vento” pretendemos reconhecê-los como parte de um grupo social dedicado a fomentações no campo das

¹ Graduada em Enfermagem e Obstetrícia (FURG/ 1999), Graduada em História-Licenciatura (FURG/ 2009), Especialista em História do Rio Grande do Sul pela (FURG/2010), atualmente aluna do Curso de Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem/ FURG e integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gerontogeriatrics, Enfermagem/ Saúde e Educação GEP-GERON (FURG) elisabetezimmer@yahoo.com.br.

idéias, que conquistaram espaço no meio televisivo para a divulgação de seus apontamentos.

1.1 Mídia: uma trajetória

De acordo com Burke (2004), o termo mídia surgiu por volta de 1920 e sua história remonta o período antigo e clássico, pois até mesmo as estradas que ligavam uma determinada região a outra eram entendidas como meios de comunicação entre os povos. Sabe-se que após a invenção do papel na china houve uma revolução no que tange a informação, a impressão gráfica foi usada desde o século VIII tanto no oriente – China e Japão –. Mas, na Europa, isso foi mais tardio, pois somente por volta de 1450, teve-se a invenção da prensa gráfica por Gutenberg gerando uma grande reviravolta nas comunicações, visto que todo o conhecimento antes armazenado e reproduzido manualmente por monges copistas, carecendo de trabalho e tempo, agora passa ser substituído, mesmo que de forma gradual, pelas prensas, possibilitando, ainda, que em pequena escala a divulgação da informação. É necessário frisar que ao mesmo passo que houve maior divulgação de conhecimento, paralelamente a censura entrou em cena a fim de gerenciar o que devia ser conhecido e o que deveria ser mantido sob sigilo. Deste processo resultou a proibição de muitas obras, principalmente pela Igreja, através do Index, com o intuito de manter sob seu domínio os povos.

De forma geral a mídia se desenvolveu em um crescente. Primeiramente foram empregadas formas de comunicação terrestres, através de mensageiros montados em seus cavalos, depois, com o advento das grandes navegações a comunicação teve que transpor os mares a partir da transição entre a consolidação da última sociedade viu florescer o medievo e a modernidade as máquinas a vapor, as grandes ferrovias, a eletricidade, o correio, o telégrafo, o telefone encurtando distâncias e aproximando os povos através dos meios de comunicação. Mais tarde surgiu o rádio transmitindo a informação às massas, gerando debates e formando opiniões, abrindo horizontes ou ainda circunscrevendo-as a preconceitos, idolatrias e ideologias.

Em 1931, surgiu um novo instrumento de comunicação – a televisão. A televisão foi inventada por Vladimir Zworykin, o qual registrou a patente de seu invento em 1923. No entanto, ao novo aparelho somente foi dada importância em 1941, momento em que os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial e as

emissoras NBC e CBS, ambas norte-americanas fizeram suas primeiras transmissões. Apesar de ser precoce a evento da Segunda Guerra Mundial a televisão fora vista apenas como uma experiência e não recebeu investimentos devido ao agravamento financeiro vivido pelo país na década de 1930-1940. Após o fim da Segunda Guerra, a televisão levou um curto intervalo de tempo para deslanchar como meio de comunicação, contrariando as expectativas que acreditavam ser a nova descoberta um produto que apenas atrairia as classes mais abastadas. No entanto, esta crença mostrou-se infundada visto que, entre 1947 e 1952, a produção de aparelhos cresceu consideravelmente, rendendo-lhe a descrição de bem mais valorizado e de luxo no mercado, da mesma forma lucraram seus investidores, pois as ações na bolsa referente ao aparelho elevaram-se em 134%.

A televisão começou a se tornar popular, vindo a concorrer com o cinema. Com o crescimento da audiência televisiva, ela passou a ser utilizada como formadora de opinião. O fato da televisão se tornar influente no campo das idéias, fez com que Mccarthy a usasse como agente anticomunista, no entanto, este mesmo meio de veicular ideologias mostrou-se traiçoeiro, pois foi um dos responsáveis pelo insucesso e queda de Mccarthy. É neste sentido que sua história nos interessa, como agente formador de opinião, capaz de transmitir programas aptos a gerar reflexão, ou até mesmo de inibir tais ponderações.

A televisão não ficou restrita aos Estados Unidos, ao contrário expandiu-se para os países de todos os continentes chegando ao Brasil em 1949, como o novo grande empreendimento dos Diários e Associados de Assis Chateaubriand.

Mas, se a mídia é uma produção humana tão recente, ela pode ser entendida como fonte?

De acordo com os ensaios de Boudieu (2004), a mídia impõe de forma gradual um sistema integrado de referências e padrões de identidade, complementando os valores culturais que são repassados através de ditados populares, de músicas, de programas de televisão, os quais vão estabelecer o consenso a respeito da sociedade.

Para Bourdieu (2004), a mídia é uma fonte de poder e sua força não é oriunda essencialmente de recursos materiais e culturais, mas, sim, da capacidade que tem de convertê-lo em capital simbólico. Então, ao explorarmos a mídia, é importante lembrar que Thompson (1995), ao estudar a comunicação de massa, evidenciou que a própria

comunicação pode comprometer o significado da mensagem, uma vez que esta transmissão esta submetida a três diferentes aspectos. Dentre esses aspectos podemos citar os seguintes: 1) os padrões de posse e de controle, ou seja, as relações que se processam entre os meios de comunicação e outras esferas a que os primeiros estão submetidos, como o Estado; 2) a forma com que a informação é construída, onde devemos atentar para o enredo, as imagens, os ângulos, as cores, os sons... e finalmente 3) a recepção e apropriação do conteúdo da mensagem, a qual envolve o contexto do ouvinte, o grau de atenção que dispensou a mensagem, suas leituras prévias do assunto presente na mensagem, o gênero, a idade, o lugar social do ouvinte. Ao interpretarmos esses aspectos perceberemos a conexão entre mensagens produzidas em uma situação, sua construção e as relações sociais em que são recebidas e interpretadas pelo ouvinte em seu próprio contexto.

Ainda no que diz respeito à mensagem veiculada pela mídia, Thompson nos esclarece que a compreensão da mensagem é um processo que está sujeito ao nível de engajamento das massas, portanto, depende de conhecimento prévio, da discussão e da sua visão sobre si mesmo e do mundo que o cerca.

Dentre os programas midiáticos podemos dizer que a novela em si é um documento pouco convencional, ou seja, muito diferente dos que os historiadores propõem-se a focar suas pesquisas. Segundo Marc Ferro (1976), o cinema ainda não havia sido criado quando a ciência História elegeu seus métodos e passou da narrativa para a explicação. Assim, o filme foi considerado como uma atração de feira, sem que fossem conferidos direitos autorais a quem captou as imagens, somente as companhias produtoras, deste modo não seria possível aos historiadores referirem-se a eles. Outro fator que colocou em cheque a legitimidade da análise dos filmes como documentos históricos é a possibilidade da seleção de cenas constituindo-o como um truque, portanto, um documento passível de falsificação. Deste modo, o historiador viu-se impossibilitado de usar a cinematografia como documento, por que não poderia apresentar suas provas, referências, hipóteses, seu método, os quais avalizariam o trabalho do pesquisador. Contudo, o que o historiador não percebeu, ou não quis perceber é que seu próprio método pode construir-se de forma igualmente parcial, visto que ele está inserido na história e se compõe como objeto da mesma, estando, portanto sujeito a ela. Assim sendo, nos filmes podemos ter um capítulo da história, o qual está

inserido no seu enredo de uma forma implícita ou explícita, compondo outra história, numa contra análise da sociedade, dependendo da interação estabelecida com o mundo que o rodeia.

Quanto à produção midiática eleita como documento para análise, ou seja, a novela, podemos afirmar que, de acordo com os estudos de Tonon (s/d), é o programa de maior audiência na América Latina e um dos principais veículos de cultura popular e de massa produzidos na televisão brasileira.

Tonon (s/d), nos revelou ainda que as novelas passaram por uma mudança postural, indo da diversão para o debate cultural e político, afirmando-se hoje, como introdutoras de hábitos e de valores na sociedade. Sua importância cultural e política residem no fato de resgatar fatos sociais presentes no cotidiano do telespectador e apresentá-los diluídos na história do personagem, com isso fazendo uma crítica velada ou gerando a discussão dos mesmos entre a multidão de telespectadores. No transcorrer da trama os personagens revelam seu caráter e nesse caráter estão implícitos valores morais que regem a sociedade. Nas tramas apresentadas, o mocinho ou a mocinha são sempre bons, éticos e sofredores, enquanto, os vilões são perversos e antiéticos. Os primeiros passam todo enredo sofrendo por pobreza, injustiças sociais, perseguições e os últimos, fazem maldades, mentem, roubam, matam, tudo em nome de sua ganância e inveja. Mas, ao final da novela, em geral no penúltimo e último capítulos tudo se resolve em favor do bem, em favor do mocinho. Os assassinos são descobertos, os vilões presos ou mortos, encerrando a trama com um final feliz e uma mensagem subentendida que fica piscando, como uma fluorescente: *seja bom, ser mau não compensa*.

Portanto, a análise deste tipo de documento nos permite entender as relações entre cultura, comunicação e poder, visto que quem possui o poder midiático, dita as regras para o comportamento social, enquanto quem assiste em geral as assimila.

Outro fator discutido por Tonon, é que a novela é extraordinariamente abrangente, pois não há distinção entre as classes sociais de seu público, devido ao fato de proporcionar a identificação dos telespectadores com os personagens representados e abordar temáticas presentes no cotidiano, construindo identidade cultural que promove a integração social.

Este tipo de produção midiática, além de promover a identidade cultural, adquire uma simbologia, a qual supera os limites sociais, sendo usadas de modo a satisfazer as necessidades psicológicas, ideológicas ou das gerações dos diferentes grupos. Nas tramas são abordados assuntos que geram o debate e a postura dos personagens ditam os padrões de comportamento, do mesmo modo que a imagem deste personagem dita sua aceitação ou sua rejeição pelo público.

Ainda de acordo com Tonon, cada sujeito que assiste à novela e recebe sua mensagem reelabora um significado para seu conteúdo e este significado está vinculado as suas próprias experiências cotidianas.

Finalmente, é possível dizer que a novela se construiu numa forma da sociedade perceber o universo em que está inserida, uma forma de conhecer valores e estipular padrões de comportamento social. Diante destas conclusões, mais uma vez é pertinente afirmar que a novela cabocla, alvo deste estudo, deve ser vista como um documento histórico, pois oferece um determinado conteúdo, por meio de uma representação do passado, para o qual seria elaborado um significado que estará vinculado as experiências e aos conhecimentos individuais dos telespectadores, e estes vão promover a análise do presente através da representação do passado, vindo ao encontro dos propostos de Marc Ferro em relação ao filme.

Posto isso, a forma como as produções midiáticas são apreendidas pelos telespectadores, e o fato de sabermos que existem homens que coordenam as produções presentes na TV, nas rádios, ou nos jornais é importante que entendamos quem são estes pensadores.

1.2 O poder da telinha e as mentes em seus bastidores

A televisão possui grande poder sobre as massas, visto que não se constitui somente como instrumento de lazer. A presença da TV nos lares brasileiros na contemporaneidade está respaldada pela lei 8009/ 90, que trata da penhorabilidade e impenhorabilidade de alguns bens, dentre eles o televisor, sendo este entendido como essencial nos lares brasileiros pelo ministro Nelson Carneiro, promulgador da referida lei em 26 de março de 1990 (BRASIL, 1990). Na atualidade o poder da telinha

disseminou-se de forma preocupante para os educadores da saúde, pois, conforme informou Talita Bedinelli (2007) a presença do aparelho de TV era tão forte que superava os anseios da população em saneamento básico, visto que, cerca de 162,9 milhões de brasileiros possuíam televisão colorida em seus lares, mas somente 123,2 milhões possuíam tratamento de esgoto adequado, ou seja, havia naquele ano 32,3% televisores a mais que esgoto no país (PNAD, 2005). Este fato também foi comprovado no censo de 2008 (PNAD 2008), pois devido às pesquisas do IBGE os eletrodomésticos mais presentes nos lares brasileiros eram fogão (98,2%), televisão (95,1%) e geladeira (92,1%). Diante disso, é incontestável a importância que a televisão tem nos lares brasileiros, fato que mais uma vez vem a reforçar a idéia de que sua mensagem é uma formadora de opinião.

Como já vimos, a televisão e sua programação são partes de nosso cotidiano, e como tal nos impõe novos questionamentos: Quem faz a programação diária da TV? De quem são as idéias mostradas na telinha? Quem escolhe o que deve ser apresentado no vídeo? Quem são as pessoas que fazem a TV?

É notório que o esquema operacional de TV é complexo e envolve um grande número de profissionais. Entre eles, vêm a frente da tela os apresentadores de TV, os atores, os jornalistas, no entanto, outros integrantes deste sistema nos passam despercebidos, pois estão nos bastidores do vídeo. Destes profissionais que não vemos na telinha nos interessa um grupo em especial, os roteiristas e escritores, pois são eles que trazem para as telas os temas que devem entrar em foco, são eles que agendam os assuntos a ser expostos nos programas de TV. Esses sujeitos são os idealizadores de grande parte das mensagens veiculadas nas telenovelas e minisséries, até mesmo nas adaptações da literatura para a TV. Por isso os entendemos enquanto intelectuais.

Diante da percepção da existência de um grupo que opera no campo das idéias dentro da mídia televisiva é necessário que tomemos conhecimento sobre o significado da palavra intelectual.

José Luís Beired (1998), ao estudar a obra de Antônio Gramsci nos expôs o seguinte: Para Gramsci, o conceito de intelectual é amplo, podendo englobar diversos setores da sociedade (professores, médicos, religiosos, militantes políticos, sindicalistas...) sendo estes detentores de instrução formal ou não, mas que atuem no campo das idéias, os quais se classificariam em tradicionais ou orgânicos conforme a

natureza de seu trabalho, podendo agir como transformadores da sociedade ou mantenedores do *status quo*.

Amando de Miguel nos propõe: “*los intelectuales son los profesionales de la palabra*” (MIGUEL, 1978: 67). Para o autor, os intelectuais são os homens que atuam no campo das palavras e por meio destas expressam suas idéias. Conforme Miguel, os intelectuais são homens que escrevem para outros grupos de intelectuais, momento em que a discussão surge gerando a reflexão. Assim, nós os imaginamos como detentores de uma inteligência superior, todavia Amado de Miguel nos revela que não é a inteligência em si o grande trunfo dos intelectuais, mas sim, o cultivo de seu intelecto, ou seja, o conhecimento armazenado e disposto na forma de signos e símbolos plenos de sentido.

Este conhecimento armazenado, por sua vez, foi explicado por Jean-François Sirinelli. Para Sirinelli (2003), o conhecimento humano está organizado como um ecossistema. O homem através de sua vivência forma seu microcosmos, o seu conhecimento inicial. No entanto, o homem é um ser sociável, e, através de sua sociabilidade fica exposto a redes interativas, as quais disponibilizam os microclimas, ou seja, os novos conhecimentos que virão a integrar o seu universo fechando a cadeia do seu ecossistema, o seu novo eu. Portanto, entendemos que o intelectual é forjado por sua vivência, o que é fruto de sua bagagem inicial de conhecimento em associação as novas informações que adquire ao longo de sua vida, as quais são atemporais. O pensamento de um intelectual não é produto apenas de seu tempo, mas de toda a bagagem de informação com que interagiu.

Amando de Miguel nos coloca ainda, que alguns intelectuais lançam mão dos veículos de comunicação como rádio e televisão e jornais para influir, através de suas idéias, nos assuntos públicos e culturais, estabelecendo ou não por meio da mídia crítica a ordem social. Nestes termos, podemos considerar que a comunicação midiática é organizada por intelectuais, os quais ficam nos bastidores, elegendo as idéias a serem veiculadas pela telinha, foco de nosso estudo.

Diariamente vemos expostos na mídia romances, os quais chegam ao público em formato de novelas, de filmes, ou de minisséries. Nestes romances estão presentes vários personagens com diferentes graus de importância para a trama, mas que apresentam características próprias, com as quais a grande massa irá se identificar. Além

das características dos personagens (pobre, abastado, ingênuo, sádico, malvado, corrupto...) desenrola-se uma trama, sendo que esta, em conformidade com o comportamento do personagem o levará a um desfecho, glorioso e feliz, ou punitivo. Deste modo, através do enredo do filme ou da telenovela tem-se a discussão de temas relevantes para o momento, bem como uma espécie de educação a respeito da sociedade e do que é esperado de seus partícipes.

De acordo com Maria da Graça Jacintho Sander *“para pensar o social é preciso ser um pouco artista, um pouco ousado e, sobretudo, muito subversor. Afinal a sociologia é um esporte de combate. É uma arma a favor do conhecimento, da tomada de consciência e da transformação da ordem”* (SANDER, 2004: 10-11). Para a socióloga o social é um terreno perigoso e requer aos que se propõe a discuti-lo astúcia e habilidade, pois ao debatermos questões sociais estaremos buscando a reflexão e em resposta a esta ponderação haverá mudanças ou não, fator este que poderá ir de encontro aos interesses das classes dominantes.

A partir deste momento nos é possível destacar alguns intelectuais que se propuseram a refletir sobre a sociedade e tiveram sua obra veiculada pela mídia. Assim, destacamos as figuras de Benedito Ruy Barbosa autor da novela “Cabocla” e de Érico Veríssimo autor da minissérie “O tempo e o vento”, novamente evidenciando que existe uma ligação entre ambos os autores e suas obras, pois Benedito Ruy Barbosa participou da adaptação da primeira versão do romance de Veríssimo para a televisão, fato ocorrido em 1967. Nesta coincidência, associada ao tema abordado em ambas as obras, se constituiu nosso interesse sobre os documentos, na perspectiva de analisar o conteúdo de suas idéias, bem como sua recorrência na mídia contemporânea, neste caso representada pela televisão.

1.3. Os autores

Ambos os autores Benedito Ruy Barbosa e Érico Veríssimo são brasileiros, com um histórico de vida condizente com as percepções de Gramsci a respeito do que seria a definição de um intelectual, e mais, todos os dois apresentam uma incrível habilidade ao articular as palavras, promovendo a reflexão, em nosso caso no telespectador.

Benedito Rui Barbosa nasceu em 1931 na cidade de Gália no estado de São Paulo. Exerceu varias atividades, sendo a primeira de vendedor de jornais - ainda quando criança- depois foi guarda-livros, bancário e jornalista². Tinha como hábito ir ao teatro, então ao assistir a peça “*Shapetuba Futebol Clube*”, acabou fazendo amizade com Oduvaldo Viana Filho, autor da referida peça, o qual o estimulou a escrever roteiros para o teatro. Desde então, Benedito escreve tendo especial apreço por temas rurais. Hoje é um escritor de novelas muito conhecido em rede nacional, o qual vem apresentando temas pertinentes ao interesse do público, daí o grande alcance de sua obra. Ele presenciou vários períodos de nossa política, e abriu espaço em suas novelas para discussão.

Erico Veríssimo. Veríssimo nasceu em Cruz Alta no ano de 1905 no estado do Rio grande do Sul, onde passou a infância dividindo seu tempo livre entre o cinema e os livros. Foi comerciário, boticário, professor de inglês, tradutor, redator e diretor da Revista do Globo, mas consagrou-se como escritor, tendo muitas de suas obras traduzidas para outros idiomas, fato que lhe conferiu grande destaque também âmbito internacional. Veríssimo teve algumas de suas obras adaptadas para o cinema e a TV onde deixou clara sua postura política.

Infelizmente, somente Bendito Rui Barbosa continua em plena atividade intelectual nos dias de hoje, enquanto Erico Veríssimo faleceu em 1975 em Porto Alegre.

1.4. Sobre as obras selecionadas:

A novela “*Cabocla*” é baseada no romance homônimo de Ribeiro Couto de mesmo título, datado de 1931 e foi escrita por Benedito Ruy Barbosa em 1979, ano de sua primeira edição na TV Globo. Já, em 2004, Barbosa supervisionou o roteiro de Cabocla, a qual foi reescrito, ou seja, adaptado por suas filhas Edmara e Edilene Barbosa.

Basicamente a história consiste no romance entre o Dr. Luís Gerônimo, moço rico da capital, que aconselhado por seu médico vai para Vila da Mata para tratar de

² Atuou nos jornais: O Estado de São Paulo, a Última Hora, no Correio Paulistano e nos Diários Associados, pertencente de comunicação de Assis Chateaubriand.

uma lesão pulmonar (tuberculose) e se apaixona pela cabocla Zuca. Neste cenário ver-se-á o desenrolar de uma campanha política para a eleição do novo prefeito da cidade. A disputa inicialmente será entre os coroneis Justino e Boanerges, ambos inimigos. Paralelamente ocorrerá o namoro entre Neco³, filho do coronel Justino, e, Belinha, filha do coronel Boanerges. Certamente este romance enfrentará muitas dificuldades, pois Neco além de filho do rival do pai da moça, irá candidatar-se a prefeito da cidade. Isso será devido ao fato do coronel Justino abdicar de sua candidatura em favor do filho por saber que a população da região admira muito a postura de Neco e que ele próprio não teria chances contra o coronel Boanerges⁴. A partir daí a trama nos oferecerá uma amostra do que eram as artimanhas políticas daquele período.

Em contrapartida, a minissérie “*O tempo eo vento*” de Erico Veríssimo teve seu roteiro baseado na primeira parte da trilogia “*O tempo e o vento*” do mesmo autor, mas compreende somente os livros: “*O continente I e II*” publicados em Porto Alegre em 1949. Sua primeira versão na TV Globo foi em⁵ 1985, período em que a emissora comemorava 20 anos contou com a adaptação do roteiro por Doc Comparato.

O enredo da minissérie global “*O tempo e o vento*” narra a história da família Terra Cambará tendo por cenário o estado do Rio Grande do sul em seu período de formação territorial e colonização. Inicia-se com a história de Ana Terra, a qual vai se apaixonar pelo índio Pedro Missioneiro, orindo das Missoes Jesuíticas, com quem terá um filho, Pedro terra. Após um ataque dos castelhanos e dizimação de sua família, Ana parte para Santa Fé com o filho Pedro. Cinquenta anos se passam e inicia história do Capitão Rodrigo e de Bibiana, ele um soldado valente e indomável, ela neta de ana Terra de quem herdou a resignação e a perseverança. Juntos, o capitão e Bibiana vão viver o período da Revolução Farroupilha. De seu amor nascerá Bolívar. Bolivar e Luzia⁶ vão ser os pais do Coronel Licurgo, senhor do sobrado, adepto do Partido Republicano Rio-grandense, o qual vai viverciar a Revolução Federalista.

³ Moço de caráter com ideais bem diferentes dos de seu pai. Realmente quer melhorar as condições de vida do povo.

⁴ É o líder político da região. Bom pai e bom marido, não tem mau caráter, porém não percebe a penúria em que o povo vive, acredita que os favores que presta são suficientes e espera a gratidão do povo.

⁵ “*O tempo e o vento*” foi exibido na antiga TV Excelsior em 1967 sob a forma de novela, contou com a direção de Dionísio de Azevedo, adaptação de roteiro de Teixeira Filho e colaboração de Benedito Ruy Barbosa.

⁶ Em 2005 a minissérie “*O tempo e o vento*” foi lançada em DVD, porém na versão em DVD foram

Em ambas as representações veiculadas pela mídia, podemos notar um tema central, a questão do coronelismo e posse da terra e outros subsidiários. Deste modo, passamos neste momento a destacar brevemente as idéias trazidas pelos autores em suas obras.

1.5. *Idéias comuns*

Benedito Ruy Barbosa e Érico Veríssimo trazem a discussão vários temas referentes ao período, os quais destacamos na tabela 1.

Tabela: 1

“ Cabocla ” → autor: Benedito Ruy Barbosa	“ O Tempo e o vento ” → autor: Erico Veríssimo
Violência: Tocaia, manutenção do poder	Violência: Guerras, barbárie dos Castelhanos, manutenção do poder
Posse da Terra: usucapião, latifundiários x sitiantes; falsificação de documentos	Posse da Terra: formação dos limites territoriais do RS, latifundios
Eleições: cooptação de votos	Não menciona
Escolas/ Ensino: forma de cooptar votos	Alguns moradores cobram a falta delas.
Hábitos / Cotidiano: Eventos, Festas, Bebidas	Hábitos / Cotidiano: Festas, Bebidas, Comidas
Casamento: alianças políticas	Casamento: discriminação, submissão, infidelidade
Igreja conciliadora	Igreja: 1) conciliadora; 2) Partidária
Coronel da República: relações de clientelismo	Coronel do Império + Coronel da República

De acordo com a tabela os autores tocaram em assuntos que se fazem atuais ainda hoje.

Em ambas as produções midiáticas a questão da terra é uma constante. Em “O tempo e o vento”, a terra se constitui como um grande problema por que os limites do estado do Rio Grande do Sul ainda não tinham sido estabelecidos, logo o estado era um

abolidas as cenas que se referem ao capítulo “*A Teiniaguá*”, a qual conta a história de Bolívar e Luzia, e que estiveram presentes na versão de 1985.

lugar inóspito devido as grandes dificuldades e também a ameaça constante das invasões castelhanas. De outro modo, em “*Cabocla*” a posse da terra representa o poder, no entanto este assunto não pode ser abordado de forma muito enfática por Benedito Ruy Barbosa em 1979, pois o país passava pelo período da ditadura militar, logo alguns temas eram abolidos em função da censura.

Por outro lado, em 2004, a terra vem como a temática forte, representada pelas cenas da expulsão do sitiante Feliciano Rosa de seu sítio pelos capangas do coronel Justino. Da mesma forma a terra continua sendo o centro, fato evidenciado pela falsificação da escritura do imóvel e pelo empreendimento de uma ação de usucapião. Em semelhança a novela, a minissérie a obra de Veríssimo ainda nos apresenta a questão das sesmarias e dos grandes latifúndios. Conforme Nozôe, foram doadas sesmarias aos militares com patentes elevadas, o caso da família Amaral, como forma de pagamento por seus serviços ao defender as linhas de fronteira. No entanto, isso fez grandes latifundiários, os quais trabalham em sistema de parceria com os os colonos, que em casos de não conseguir cumprir os contratos automaticamente perdiam suas terras e posses. Veríssimo ainda abordou a questão da reforma agrária, através dos pensamentos do capitão Rodrigo, pois este em uma conversa com o padre Lara faz menção a redistribuição de terras, incluindo como beneficiários os , negros e os índios, já que o capitão é mostrado como abolicionista.

As figuras dominantes são os coronéis, os quais para manter seu poder empregavam variadas práticas. Em “*Cabocla*” nós vemos o coronel da República Velha, lançando mão de violência, retratada nas cenas de expulsão do sitiante e também de tocaia. Seu poder está em suas posses e na subjugação da população aos seus mandos e desmandos. Este poder é mantido também por cargos políticos, daí tanto empenho nas campanhas eleitorais, o que vem a desempenhar o processo de cooptação de votos mediante favores prestados como os préstimos de um primo advogado empenhado em uma ação de usucapião, a qual beneficiará ao sitiante, seu compadre, que lhe será eternamente grato. Também veremos como ação dos coronéis republicanos a criação de escolas, a fim de que estes tenham instrução para votar, e logicamente no candidato escolhido pelo coronel mandante da região.

A constituição brasileira de 1891 outorgou o direito de voto a todo cidadão brasileiro ou naturalizado que fosse alfabetizado; assim pareciam extintas as

antigas barreiras econômicas e políticas, e um amplo eleitorado poderia teoricamente exprimir seu direito de livre escolha. Todavia verificou-se desde logo que a extensão de direito de voto a todo cidadão alfabetizado não fez mais que aumentar o número de eleitores citadinos ou rurais que continuaram obedecendo aos mandões políticos já existentes. (QUEIROZ, 1876: 155)

Ao conceder-se o direito de voto pela constituição de 1891 aos cidadãos alfabetizados brasileiros, ou que fossem naturalizados como tal propunha-se um alargamento na camada eleitoral do país. Este fato sugere que o modo antigo de praticar a política havia sido abandonado e aspectos antes tão relevantes como a condição econômica do votante, ou do votado, estivesse, a partir deste momento, fora de questão. Contudo, o que se viu foi uma mudança na situação, aumentou o número de eleitores, porém manteve-se o sistema, com algumas adequações do sistema a situação, ou seja, mantiveram-se os mandões e os novos eleitores votavam de acordo a determinação destes, sem questionar sua determinação.

Devemos ainda fazer menção que Veríssimo não é muito enfático neste argumento, pois somente temos menção a descontentamento da população no que tange a educação e aos governantes na minissérie o tempo e o vento na administração do coronel Ricardo Amaral, mas este era imperial, portanto qualquer manifestação seria tratada como afronta a seu poder e o agitador devidamente punido, visto que não ainda não havia uma preocupação com eleições neste período.

Em Veríssimo temos representados os dois coronéis: imperial e republicano, Ricardo Amaral e Licurgo Cambará respectivamente. O coronel imperial é oriundo do caudilho⁷, personalidade que dominou as terras do sul nos anos da expansão territorial portuguesa. Apresenta-se como na minissérie como os antecessores e o próprio chefe da família Amaral, fundadora do povoado de Santa Fé. Ele era o homem mais rico da região, acumulava todos os cargos de chefia do local sendo a autoridade máxima, logo não precisava prestar conta de seus atos a ninguém. Já Licurgo, é republicano, fruto de um ideal por muito tempo perseguido. É o prefeito de Santa Fé e fiel ao governador do Estado assemelhando-se – no cargo que desempenha – a Boanerges, prefeito de Vila da Mata, cidade fictícia onde se ambienta a novela “Cabocla”. Assim, ele desenvolvia

⁷ De acordo com Loiva Otero Félix, o caudilho dominou o pampa gaúcho nos tempos em que a coroa portuguesa mostrava-se pouco atuante nas terras da fronteira. A autora salienta também que seu poder advinha também de suas posses, do seu carisma e da sua habilidade como chefe militar.

com seus homens e os habitantes de Santa Fé relações de clientelismo, e de troca de favores com o governador. Os habitantes do local que lhe servem são sua gente, portanto o tinham como exemplo.

Nesta perspectiva, de acordo com Bourdieu, em seu estudo sobre o poder simbólico: uma obra produzida tem um determinado valor para seu produtor, mas se uma pessoa influente, em nosso caso o coronel da República- representados neste estudo por Licurgo e por Boanerges – lhe atribuem um valor, esse é aceito pela parentela se questionamento. Neste caso se Boanerges ou Licurgo atribuem um valor as suas idéias, automaticamente elas se sobrepõe as de sua gente, pois o coronel é a pessoa influente, como o marchand que Bourdieu descreveu em seu estudo.

Outro ponto ainda abordado em ambas as obras é a questão dos casamentos. Em cabocla, eles se mostraram como forma de realizar alianças políticas, prática explicada por Maria Isaura de Queiroz (1976), pois para a autora os casamentos eram acertados como forma de ampliar as parentelas, o que garantiria maior apoio político, deste modo, constituindo a mulher apenas como moeda de troca. Já em o tempo e o vento os casamentos parecem levar em conta a condição da família da noiva, no entanto, a questão das alianças políticas não ficou tão evidente. Mas, há que se lembrar que havia grande preconceito sobre que poderia ser aceito como genro, pois em Ana terra a união de Ana com Pedro não é nem mesmo cogitada, visto que índio não é considerado gente, fato presente nas falas dos próprios personagens, sendo então, preferível assassinar o índio e considerar Ana como viúva.

Finalmente é importante mencionar que a construção que o redator do jornal televisivo, o autor da novela ou da minissérie dá a sua obra mostra o que vai ser exposto à grande massa, e, segundo Tompson (1995), o conteúdo apropriado por esta massa, mediante sua identificação com o personagem em associação ao contexto histórico em que vive, proporcionará, através de seu reconhecimento identitário o agente gerador de reflexão, quiçá doutrinador e desencadeador de mudança comportamental.

Outro fato importante a ser lembrado é que grande parte de nós conhece lugares, histórias, culturas pelas representações que a mídia faz destes temas, assim em relação ao nosso objeto de estudo, devemos entender que a grande massa vai se apropriar do conteúdo representado na tela e tomar como fonte de verdade e entender que relações

coronelísticas, de colonização e de construção do Rio Grande do Sul foram somente o que foi representado na novela ou na minissérie. Logo, o imaginário que se tem sobre o Rio Grande do Sul é fruto da minissérie “O tempo e o vento”, ou de outras adaptações sobre o Estado feitas para a TV, da mesma forma ocorrendo com a novela “Cabocla” que representa um período da República Velha.

Após a consideração dos nomes destes pensadores podemos retomar os ditos neste texto sobre o que seria um intelectual e aplicá-los sobre os nomes citados. Como foi mencionado anteriormente, os intelectuais são profissionais que operam no campo das idéias e têm como instrumento de trabalho a palavra. Eles podem ter ou não formação acadêmica, atuar em sua área de formação ou não, mas devem em especial devem ter visão de mundo e procurar promover a reflexão nos demais por meio das palavras. Desta forma, entendemos a conexão estabelecida entre história e atualidade por Benedito Ruy Barbosa e Érico Veríssimo, no que tange o poder e a política. Mas, o que há em comum entre eles?

Como Gramsci nos colocou existem os intelectuais tradicionais, voltados a uma ação mais cosmopolita, sustentados pelo poder de uma esfera superior, portanto sem possibilidade de lançar uma crítica aberta ao sistema. Mas, também há os intelectuais modernos, detentores de habilidades especiais, portanto, livres para expressar o seu pensar, pois não estão vinculados a um grupo com interesses distintos dos seus e que venha lhes impor limites. É neste último grupo de intelectuais que se colocam os nomes citados, modernos. Assim, o que há em comum entre os intelectuais é a capacidade de articular as suas idéias, ao apropriar-se dos signos e símbolos sociais de seu tempo e escolher como organizar o teatro de suas palavras, se para uma ação transformadora, ou para a manutenção do *status quo*, ideologia esta que será veiculada pela telinha e se fará presente, quase como uma doutrina, na grande maioria dos lares brasileiros.

Fontes:

Cabocla. Telenovela. Produção Rede Globo de televisão. Autoria: Benedito Ruy Barbosa, adaptação: Edmara Barbosa e Edilene Barbosa, direção: José Luiz Villamarim e Rogério Gomes, 2004.

O tempo e o vento. Minissérie. Produção Rede Globo de televisão. Autoria: Érico Veríssimo, adaptação: Doc Comparato, direção: Paulo José, 1985.

Referências:

BEIRED, José Luís Bendicho. *A função social dos intelectuais*. In: Aggio, Alberto (Org.). **Gramsci: a vitalidade de um pensamento**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 121-132.

BOURDIEU, Pierre. *A produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2004.

BRASIL, Medida provisória 143, lei 8009/90. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8009.htm (acesso em 19/09/2010 às 01h40minh)

BURKE, Peter & BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

Conjur. Consultor Jurídico. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2005-jun-10/ar-condicionado-televsao-nao-podem-penhorados> (acesso em 18/09/2010 às 23h50minh)

FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, borgismo cooptação política*. Porto Alegre, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o dicionário da Língua Portuguesa*. 7ª edição. São Paulo: Ed. Positivo, 2008.

FERRO, Marc. O Filme. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editoras. A, 1976.

GRAMSCI, Antonio. *A formação dos intelectuais*. In: _____. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 4ª ed. Trad. COUTINHO, Carlos Nelson. Coleção Perspectivas do Homem. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p. 1-23.
http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:-vAVN7J6C48J:hipermidia.unisc.br/seacom//index2.php%3Foption%3Dcom_content%26do_pdf%3D1%26id%3D40+gilberto+perin&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEsIdbrrbDlpvOrkbB_wP0GbMrnXcdeAQviiEQ9voUIBdvw_S_N7pMt9PC3uwS1FD_pcDocX1o44Oza9RdpBP0whiOZFLp2vw_-Uw_wi48ouL8BqlYxSxN_rnp4iHNJfTkw_NNL_z&sig=AHIEtbRDoJgDD4hTcoW7RS1j6qPB73eA2g (acesso em 07/08/2010 às 16:56h)

http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_4367.html (acesso em 07/08/2010 às 16:56h)

http://www.releituras.com/everissimo_bio.asp (acesso em 07/08/2010 às 16:56h)

MIGUEL, Amando de. *El teatro de las ideas*. In: _____. **El poder de la palabra**. Madrid: Editorial Tecnos, 1978.

NOZOE, Nelson. *Sesmarias e apossamento de terras no Brasil colônia*. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2005/artigos/A05A024.pdf> (acesso em 30/10/2009, 23:30h)

PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1308909-5598,00-FOGAO+E+APARELHO+DE+TV+SAO+OS+BENS+PRESENTES+EM+MAIS+CASAS+BRASILEIRAS.html> (acesso em 02/11/2010 às 19h20minh)

PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/saneamento/reportagens/index.php?id01=2635&lay=san> (acesso em 18/09/2010 às 23h40minh)

QUEIRÓZ, Maria Isaura de. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). **História geral da civilização brasileira**. Vol. 8. 5ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1976.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: Remond, René. **Por uma história política**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Vozes: Petrópolis, 1995.

TONON, Joseana Burguez. Telenovelas e representações sociais: Em estudo de caso sobre "Mulheres Apaixonadas". Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/tonon-joseana-burguez-telenovelas-represenacoes-sociais.html#SECTION00020000000000000000> (acesso em 18/12/2009 às 23:40h)